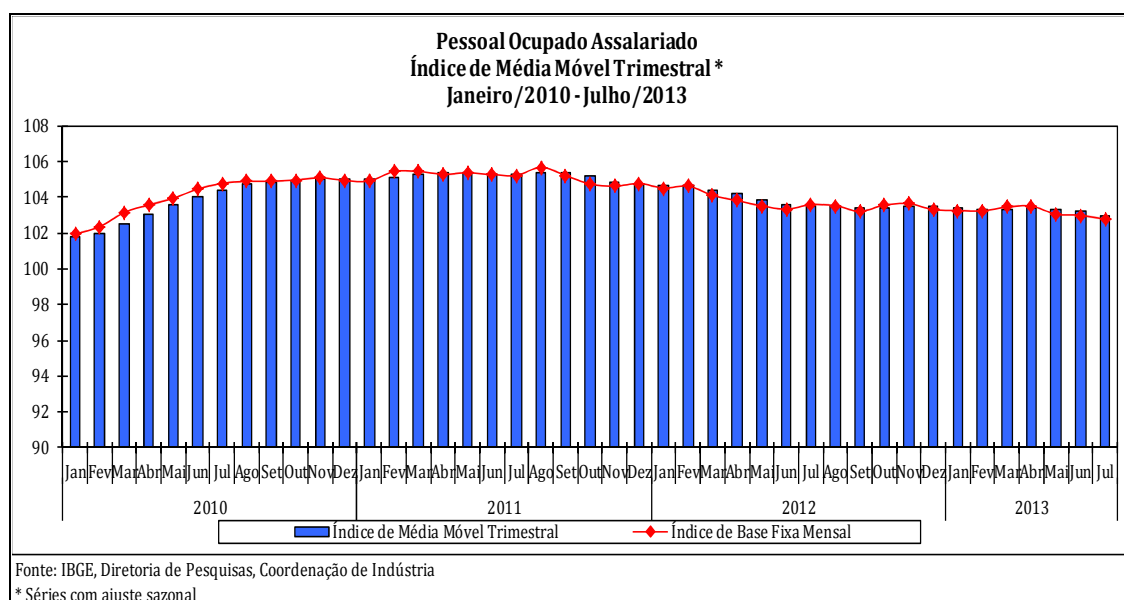


## COMENTÁRIOS

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em julho de 2013, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou variação negativa de 0,2% frente ao patamar do mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, terceira taxa negativa consecutiva nesse tipo de confronto, acumulando nesse período perda de 0,7%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral assinalou variação negativa de 0,2% no trimestre encerrado em julho frente ao nível do mês anterior e permaneceu com a trajetória ligeiramente descendente iniciada em abril último.



O emprego industrial mostrou variação negativa de 0,8% no índice mensal de julho de 2013, vigésimo-segundo resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e o mais intenso desde fevereiro último (-1,2%). No índice acumulado para os sete meses de 2013, o total do pessoal ocupado na indústria também assinalou recuo de 0,8%. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 1,1% em julho de 2013, repetiu o resultado observado no mês anterior, mas apontou queda menos intensa do que as registradas em fevereiro (-1,5%), março (-1,4%), abril (-1,3%) e maio (-1,2%).

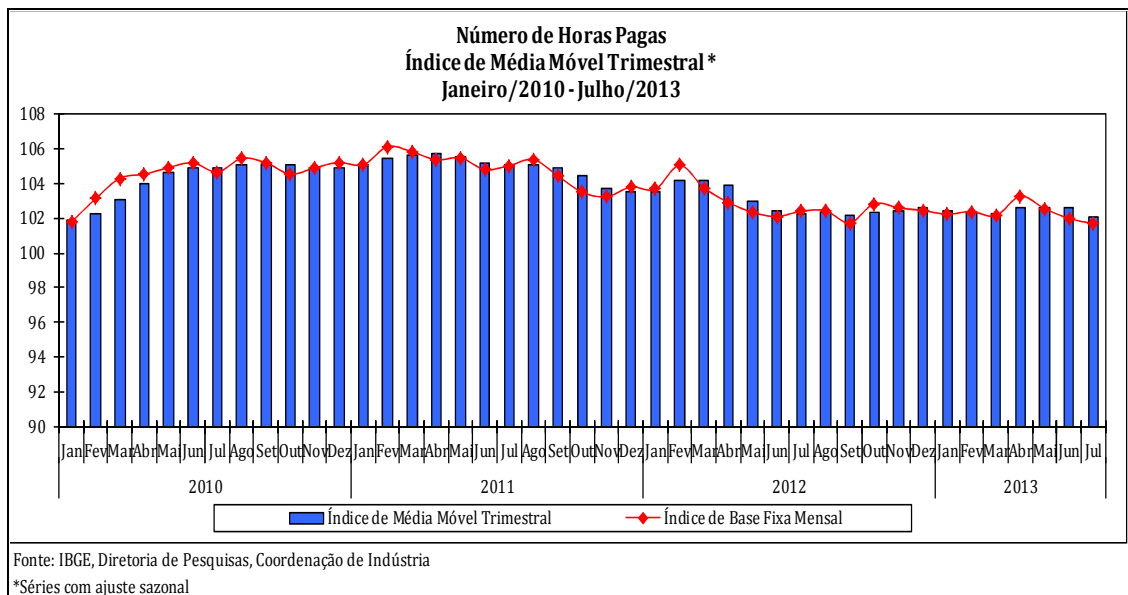
No confronto com igual mês do ano passado, o emprego industrial recuou 0,8% em julho de 2013, com o contingente de trabalhadores apontando redução em doze dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado na Região Nordeste (-4,3%), pressionado em grande parte pelas taxas negativas em doze dos dezoito setores investigados, com destaque para a redução no total do pessoal ocupado nas indústrias de calçados e couro (-8,3%), alimentos e bebidas (-3,6%), minerais não-metálicos (-7,4%), refino de petróleo e produção de álcool (-14,4%), vestuário (-3,3%), produtos de metal (-8,0%), borracha e plástico (-6,5%), produtos têxteis (-4,6%) e indústrias extrativas (-6,4%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Bahia (-7,4%), Rio Grande do Sul (-2,1%) e Pernambuco (-5,3%), com o primeiro influenciado principalmente pelas quedas verificadas nos setores de calçados e couro (-27,0%) e de minerais não-metálicos (-22,9%); o segundo pressionado especialmente pelos ramos de calçados e couro (-10,1%) e de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-22,1%); e o terceiro por conta das perdas registradas em alimentos e bebidas (-7,1%) e borracha e plástico (-28,3%). Por outro lado, Santa Catarina, com avanço de 1,3% em julho de 2013, apontou a contribuição positiva mais relevante sobre o emprego industrial do país, impulsionado, em grande parte, pelos setores de borracha e plástico (8,4%), produtos de metal (9,3%), máquinas e equipamentos (2,4%), madeira (5,3%), meios de transporte (7,8%) e vestuário (1,1%).

Setorialmente, ainda no índice mensal, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em onze dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de calçados e couro (-5,5%), produtos de metal (-3,5%), máquinas e equipamentos (-2,5%), outros produtos da indústria de transformação (-3,6%), produtos têxteis (-3,4%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-2,5%). Por outro lado, os principais impactos positivos sobre a média da indústria foram observados nos setores de alimentos e bebidas (1,8%), borracha e plástico (3,4%) e meios de transporte (1,5%).

No índice acumulado do período janeiro-julho de 2013, o emprego industrial mostrou queda de 0,8%, com taxas negativas em onze dos quatorze locais e em treze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, Região Nordeste (-4,3%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Rio Grande do Sul (-2,4%), Pernambuco (-7,4%), Bahia (-5,3%) e São Paulo (-0,3%). Por outro lado, Paraná (0,9%) e Santa Catarina (1,0%) exerceram as pressões positivas mais importantes no acumulado dos sete meses do ano. Setorialmente, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de calçados e couro (-5,4%), vestuário (-3,7%), outros produtos da indústria de transformação (-4,2%), produtos têxteis (-3,7%), máquinas e equipamentos (-1,8%) e madeira (-5,1%), enquanto os setores de alimentos e bebidas (1,9%) e de borracha e plástica (2,9%) responderam pelas principais influências positivas.

#### **NÚMERO DE HORAS PAGAS**

Em julho de 2013, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, recuou 0,3% frente ao mês imediatamente anterior, terceira taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período perda de 1,5%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou recuo de 0,5% na passagem dos trimestres encerrados em junho e julho, após ficar praticamente estável nos dois últimos meses: maio (0,1%) e junho (0,0%). Vale ressaltar que a queda assinalada nesse mês foi a mais intensa desde maio de 2012 (-0,9%).



No confronto julho de 2013 / julho de 2012, o número de horas pagas mostrou queda de 0,8%, segundo resultado negativo consecutivo nesse tipo de comparação e o mais intenso desde março último (-1,4%). No índice acumulado para os sete meses de 2013, o total do número de horas pagas na indústria também apontou redução (-0,9%). A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 1,2% em julho de 2013, registrou resultado negativo menos acentuado do que os observados em março (-2,0%), abril (-1,8%), maio (-1,5%) e junho (-1,4%).

Em julho de 2013, o número de horas pagas apontou recuo de 0,8% no confronto com igual mês do ano anterior, com taxas negativas em onze dos quatorze locais e em onze dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de calçados e couro (-7,4%), produtos de metal (-4,3%), máquinas e equipamentos (-2,4%), outros produtos da indústria de transformação (-3,7%), produtos têxteis (-2,9%) e madeira (-4,8%). Em sentido contrário, o setor de alimentos e bebidas (2,1%) assinalou o principal impacto positivo nesse mês, seguido por meios de transporte (1,8%) e borracha e plástico (2,0%).

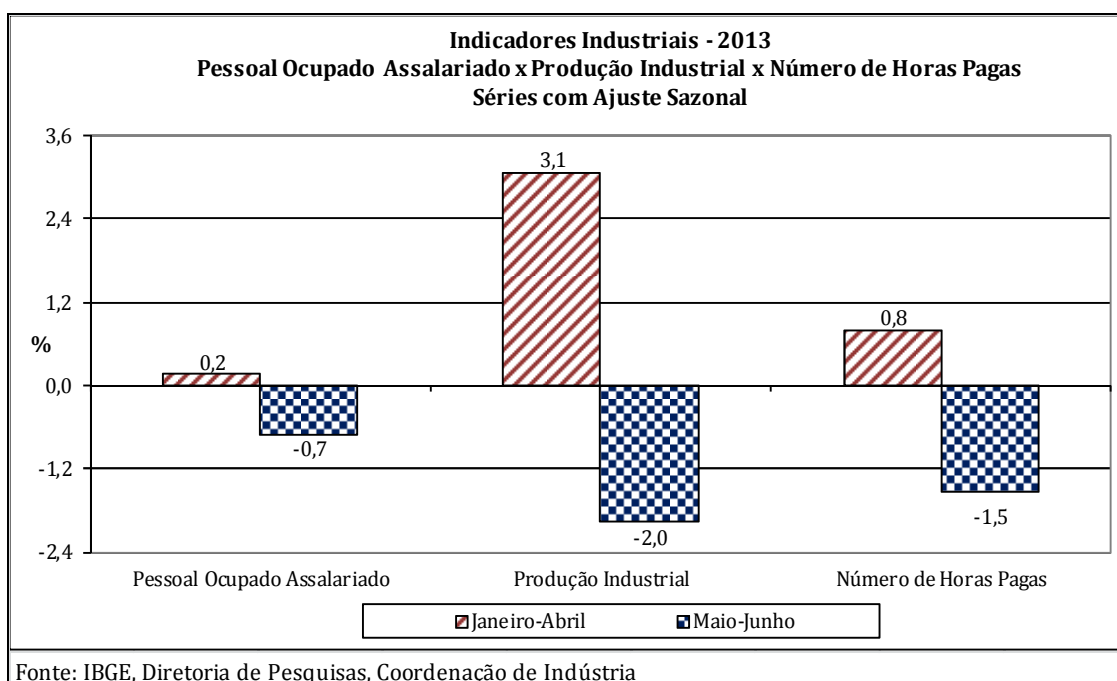
Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, Região Nordeste (-4,6%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país, pressionada em grande parte pela redução no número de horas pagas nos setores de calçados e couro (-8,3%), alimentos e bebidas (-4,3%),

minerais não-metálicos (-8,1%), refino de petróleo e produção de álcool (-13,2%), borracha e plástico (-8,5%) e produtos de metal (-9,0%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por Bahia (-8,8%), devido, sobretudo, aos recuos verificados em calçados e couro (-25,8%), minerais não-metálicos (-23,6%), máquinas e equipamentos (-18,6%) e produtos de metal (-14,5%); Rio Grande do Sul (-1,8%), por conta, especialmente, das quedas assinaladas em calçados e couro (-11,6%), máquinas e equipamentos (-5,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-14,2%) e vestuário (-15,3%); Minas Gerais (-1,4%), explicada em grande medida pela queda nos ramos de vestuário (-8,4%), metalurgia básica (-5,2%), máquinas e equipamentos (-6,3%) e outros produtos da indústria de transformação (-4,6%); e Pernambuco (-5,1%), em função, principalmente, dos recuos observados em alimentos e bebidas (-5,6%), borracha e plástico (-33,6%), minerais não-metálicos (-6,3%), papel e gráfica (-9,2%) e produtos têxteis (-13,8%). Por outro lado, Santa Catarina (1,7%) e São Paulo (0,3%) exerceram as principais contribuições positivas sobre o total do número de horas pagas, impulsionados, em grande parte, pela expansão verificada nos setores de borracha e plástico (10,1%), máquinas e equipamentos (3,9%), produtos de metal (6,7%) e vestuário (2,5%), no primeiro local, e alimentos e bebidas (5,4%), vestuário (8,4%), borracha e plástico (4,9%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,2%), no segundo.

No índice acumulado de janeiro-julho de 2013, frente a igual período do ano anterior, houve recuo de 0,9% no número de horas pagas, com dez dos dezoito setores pesquisados apontando queda. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de calçados e couro (-7,4%), vestuário (-4,3%), outros produtos da indústria de transformação (-4,8%), máquinas e equipamentos (-2,5%), produtos têxteis (-4,3%) e madeira (-5,7%). Em sentido oposto, alimentos e bebidas (2,2%) exerceu a principal contribuição positiva sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria.

Em nível regional, ainda no índice acumulado no ano, dez dos quatorze locais pesquisados mostraram taxas negativas, com destaque para o recuo de 4,3% registrado pela Região Nordeste, vindo a seguir as perdas verificadas no Rio Grande do Sul (-3,0%), Pernambuco (-6,6%), Bahia (-5,8%) e Espírito Santo (-4,2%). Em contrapartida, Santa Catarina (0,7%), Rio de Janeiro (0,4%) e Paraná (0,1%) assinalaram as influências positivas no índice acumulado dos sete meses do ano, enquanto São Paulo ficou estável (0,0%) frente a igual período do ano anterior.

Em síntese, o total do pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria, em julho de 2013, permaneceram com o comportamento de menor intensidade na comparação com o mês imediatamente anterior, já que ambos apontaram o terceiro resultado negativo nesse tipo de confronto e acumularam, respectivamente, perdas de 0,7% e 1,5%. Vale destacar que esse movimento de menor dinamismo reflete, em grande parte, a redução de ritmo que marca a produção industrial nos últimos três meses.



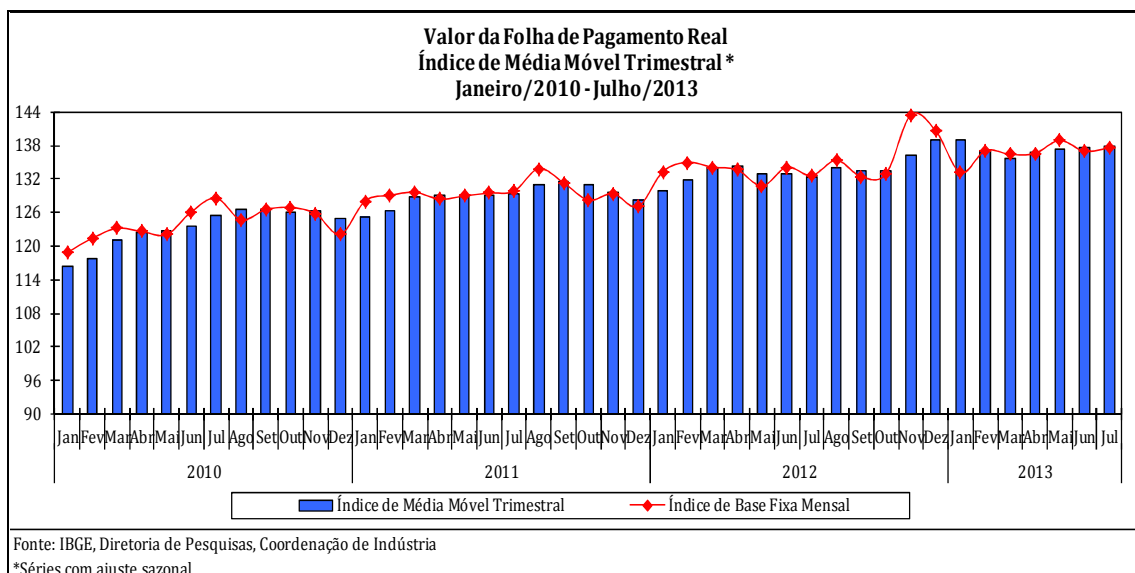
Ainda na série com ajuste sazonal, a evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse momento de menor intensidade do mercado de trabalho na indústria, já que nesse indicador o emprego industrial prosseguiu com a ligeira trajetória descendente iniciada em abril último, e o número de horas pagas assinalou o recuo mais intenso desde maio do ano

passado. Vale ressaltar que nesse indicador a produção industrial também mostrou resultado negativo em julho, interrompendo, assim, a sequência de índices positivos iniciada em janeiro.

Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial e o número de horas pagas na indústria assinalaram em julho de 2013 taxas negativas nesse tipo de confronto, com o primeiro apontando o vigésimo-segundo recuo consecutivo, e o segundo registrando o resultado negativo mais intenso desde março último. O indicador acumulado para os sete meses do ano prosseguiu em queda nas duas variáveis e manteve o perfil disseminado de taxas negativas entre os locais e os setores investigados.

#### **FOLHA DE PAGAMENTO REAL**

Em julho de 2013, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente mostrou variação positiva de 0,4% frente ao mês imediatamente anterior, recuperando parte da queda de 1,4% registrada no mês anterior. Vale destacar que no resultado desse mês observa-se a clara influência da expansão de 8,7% assinalada pelo setor extrativo, impulsionado em grande parte pelo pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, já que a indústria de transformação apontou ligeira variação positiva (0,2%) nesse mês. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral para o total da indústria assinalou variação de 0,2% na passagem dos trimestres encerrados em junho e julho e manteve a trajetória ascendente iniciada em março último.



No confronto com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu 3,4% em julho de 2013, quadragésima-terceira taxa positiva consecutiva nesse tipo de comparação. No índice acumulado para os sete meses de 2013, o valor da folha de pagamento real da indústria também apontou expansão (2,8%). A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao crescer 3,9% em julho de 2013, assinalou resultado próximo do registrado nos meses de março (3,7%), abril (3,6%), maio (3,9%) e junho (3,8%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou expansão de 3,4% em julho de 2013, com resultados positivos em doze dos quatorze locais investigados. A maior influência positiva sobre o total nacional foi verificada em São Paulo (3,3%), impulsionada pelo aumento no valor da folha de pagamento real em doze das dezoito atividades investigadas, com destaque para alimentos e bebidas (8,2%), máquinas e equipamentos (5,6%), produtos químicos (6,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (9,0%), borracha e plástico (9,0%) e refino de petróleo e produção de álcool (7,9%). Vale mencionar também os impactos positivos assinalados por Minas Gerais (4,0%), Rio Grande do Sul (4,4%), Santa Catarina (4,8%), Região Norte e Centro-Oeste (3,9%) e Rio de Janeiro (3,2%). Nestes locais, as atividades que mais contribuíram positivamente para o aumento do valor da folha de pagamento real foram, respectivamente, refino de petróleo e produção de álcool



(53,9%), devido ao pagamento de participação nos lucros neste setor, minerais não-metálicos (19,0%), indústrias extrativas (9,1%) e metalurgia básica (5,5%); meios de transporte (17,3%), produtos de metal (11,7%), alimentos e bebidas (6,5%) e refino de petróleo e produção de álcool (75,0%), também por conta do pagamento de participação nos lucros neste setor; máquinas e equipamentos (11,7%), borracha e plástico (9,2%), vestuário (6,4%) e produtos de metal (10,8%); alimentos e bebidas (6,8%), produtos de metal (14,3%) e indústrias extrativas (6,7%); e indústrias extrativas (9,0%), máquinas e equipamentos (10,2%) e alimentos e bebidas (7,0%). Em sentido contrário, a contribuição negativa mais relevante foi assinalada por Bahia (-6,9%), pressionada, em grande parte, pelas reduções em calçados e couro (-30,3%), meios de transporte (-25,0%), produtos de metal (-30,2%) e metalurgia básica (-18,7%).

Setorialmente, ainda no índice mensal de julho de 2013, o valor da folha de pagamento real no total do país cresceu em treze dos dezoito ramos investigados, com destaque para alimentos e bebidas (5,7%), indústrias extrativas (13,4%), produtos químicos (5,4%), refino de petróleo e produção de álcool (12,3%), máquinas e equipamentos (3,1%), borracha e plástico (5,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (3,9%) e minerais não-metálicos (4,0%). Por outro lado, os impactos negativos mais relevantes sobre o total nacional foram observados em calçados e couro (-1,8%) e meios de transporte (-0,3%).

No índice acumulado nos sete meses de 2013, o valor da folha de pagamento real avançou 2,8%, com taxas positivas em doze dos quatorze locais pesquisados. A maior contribuição positiva sobre o total da indústria veio de São Paulo (2,6%), vindo a seguir as influências registradas por Rio de Janeiro (6,3%), Região Norte e Centro-Oeste (4,8%), Minas Gerais (2,4%), Rio Grande do Sul (3,1%), Paraná (2,6%) e Santa Catarina (3,1%). Em sentido contrário, os impactos negativos foram assinalados por Pernambuco (-3,6%) e Bahia (-0,1%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em treze das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (4,6%), indústrias extrativas (10,2%), produtos químicos (5,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,3%), meios de transporte (1,5%), borracha e plástico (4,3%), refino de petróleo e produção de álcool (7,6%) e máquinas e equipamentos (1,7%). Por outro lado, os setores de metalurgia básica (-2,0%) e de vestuário (-1,5%) exerceram as influências negativas mais relevantes sobre o total nacional.